



Padres e moda Pública

O telemóvel mudou o mundo | Bagdad por Frank Lloyd Wright | Rui Vieira Nery | Quem manda no arquivo de Caetano?

N.º 395 / 21 DE DEZEMBRO 2003 ESTA REVISTA FAZ PARTE INTEGRANTE DO PÚBLICO 5022 E NÃO PODE SER VENDIDA SEPARADAMENTE

São Brás de Alportel

Centro de
Documentação

Na capa

Texto
**António Marujo e
Carlos Picassinos**
Fotografia
Catálogos Slabbinck

Os alfaiates

Os padres já não vestem uma coisa qualquer. Estão atentos ao que neste negócio que teve em João Paulo II um bom cliente. Até uma acessórios a condizer com os fatos, como mitras de bispo e panos de



de Deus

oferecem aqueles que fazem a “moda”. Em Roma há casas especializadas marca de alta costura, Castelbajac, fez trajes para João Paulo II. Há altar, e cálices, crucifixos, patenas, sacrários, lamparinas, candelabros...



Moda


Conta-se que há três segredos que Deus não sabe: quantas são as congregações femininas, quanto dinheiro têm os salesianos e o que pensa um jesuíta. Mas não é verdade. Há outro que escapa à onisciência divina — o da família Gamarelli, os discretos alfaiates do Papa que, desde 1798, tiram as medidas aos inquilinos da Cidade Santa.

Anibal e Massimiliano, tio e sobrinho, todos os dias enrolam os preciosos tecidos na pequena loja, quase anónima, que a família estabeleceu junto à praça de Minerva, no centro de Roma. Estão ali desde 1793. João Paulo II é um dos melhores clientes. Outra coisa não seria de esperar de um pontificado espectacular como o de Karol Wojtila. Não pelas inéditas cerimónias pontificias que nestes últimos 25 anos atravessaram Roma, nem por causa do fausto jubilar do ano 2000, mas sobretudo pela frequência de reuniões, encontros, sínodos e consistórios que, como nenhum outro Papa, João Paulo II convocou ao longo destas duas décadas e meia.

A criatividade exercita-se em outras paragens quando o Vaticano convida costureiros diferentes para iniciativas específicas. Um dos casos mais notórios foi o da edição de Paris da Jornada Mundial de Juventude, em 1997, quando Jean-Charles de Castelbajac (que já desenhou roupa para Elton John) criou as 5500 vestes litúrgicas usadas por João Paulo II e pelos cardeais, bispos e padres que participaram na iniciativa. No caso, deu nas vistas a casula, branca, atravessada de alto a baixo por cinco tiras, uma de cada cor, simbolizando os cinco continentes.

A alfaiataria dos Gamarelli é frequentada pelos bispos ou cardeais mais exigentes ou especialmente perfeccionistas. Em vésperas de consistórios — e já lá vão nove, com 232 cardeais — os alfaiates estão “sempre ocupados até ao último minuto”, revela Massimiliano Gamarelli, citado pela AP. São eles os conselheiros do Papa em matéria de imagem e vestuário. Conservam num arquivo informático as medidas de pontífices, prelados, purpurados, núncios — de toda a hierarquia. →





**Casulas em
Brugia, tecido
ligeiro e suave
de cem por
cento lã. As
bandas são
de Ornata,
um tecido
elegante com
aplicações em
fios de ouro
€795**

Moda



→ Embora os tempos e as vestes sejam outros, a equipa da Gamarelli não abandonou as velhas máquinas de corte nem o brio dos pormenores. Os bordos de cetim das sotainas, as casas e os botões de seda, por exemplo, são trabalhados à mão.

Estas são lojas diferentes. Gamarelli, Serpone, De Rittis, Arredamento Litúrgico têm montras como qualquer outro estabelecimento comercial mas, aqui, os manequins vestem uma moda diferente: batinas e sotainas de padre, alvas e estolas para a missa, hábitos de freira. Há paramentos de desenho neo-barroco, com floreados ou de desenho moderno arrojado. Há os que utilizam imagens mais tradicionais — a Virgem, os símbolos da missa — ou os que arriscam um traço mais impressionista. Encontram-se imagens

a imitar estilos passados, o recém-canonicado Padre Pio, Nossa Senhora, crucifixos cheios de dourados ou depurados de elementos, mitras de bispo a remeter para o esplendor ou a tender para a simplicidade da forma. Tudo no meio de outras vestes e objectos — as alfaias litúrgicas — como cálices, patenas, panos de altar, sacrários, lamparinas, candelabros. A pequena rua De' Cestari, por exemplo, próximo do Panteão, parece um monopólio, com (quase) todas as lojas dedicadas ao mesmo negócio: De Rittis e Gamarelli são as que têm melhor apresentação, mas também ali estão a Braggio, Franco e Figli, a Galeria di Arte Sacra, e as Statuaria Gaudenzi, Salustri, Gampieri e Ghezzi.

Michele Ombroso, da alfaiataria Euroclero, nas redondezas da Praça de

São Pedro, também recebe encomendas dos chamados “príncipes da Igreja”. “É como fazer um fato normal a um cliente — tiram-se as medidas, alinhava-se, corta-se, faz-se uma prova e depois fica pronto”. A descrição pode parecer que tudo é fácil. A indumentária protocolar de um cardeal ainda conserva um certo refinamento pré-conciliar: a sotaina de lã abraçada por uma sobrepeliz branca com mangas, pregas e rendas, uma pequena capa, o cordão de borlas doiradas, a faixa de seda e um par de meias. Tudo vermelho.

Apesar dos maneirismos, depois do Concílio Vaticano II e com o passar dos anos, as indumentárias perderam a pompa e a sofisticação barroca de outrora. Ainda antes da revolução do Concílio, o Papa Pio XII decidiu cortar cerca de sete metros na casaca característica dos seus predecessores. João XXIII manteve. Paulo VI cortou o resto. Mesmo os clérigos, os religiosos, os padres ou os seminaristas abandona-

Moda

patena – prato suado para colocar as hóstias durante a celebração da missa; geralmente em metal (dourado ou prateado); nas últimas décadas também começou a ser usado em cerâmica ou outros materiais, tal como os cálices



sacrário – pequena caixa ou tabernáculo onde são guardadas as hóstias consagradas pelo padre durante a missa



sobrepeliz – manto branco e fino, com ou sem mangas, geralmente com bordados, que é vestido sobre a batina

sotaina – batina de clérigo

veste talar – designação do vestuário eclesiástico



Casula monástica em lã e trevira com desenhos incrustados de €765 a €810

Vincenzo Serpone, 69 anos, abriu a loja de Roma há oito, mas a empresa, de família, foi criada em Nápoles em 1820. Numa cidade que se tornou centro do catolicismo mundial, o gosto de quem aparece a comprar é diferente, consoante a região de proveniência, nota este comerciante. Na América do Sul, preferem-se normalmente peças “mais ricas”, na do Norte está a regressar-se “ao gosto antigo, mais barroco”, enquanto o Norte da Europa é essencialmente mais moderno, “franciscano”. Que é como quem diz, de uma beleza sóbria e discreta. Mas, apesar dessas grandes tendências, o que acaba por decidir a escolha é o gosto pessoal.

Com clientes por todo o lado (são cerca de 450 mil os padres católicos no mundo inteiro), a De Rittis, na Piazza della Vigne, criada em 1870, tem como “exigências comerciais encontrar o meio termo entre o belo e o económico”, explica Marcelo de Rittis, gerente da loja. Espanhóis, italianos e portugueses têm um gosto semelhante, voltado sobretudo para peças que levam o toque final do acrescento artesanal, “apelando

ao simbolismo”. Os europeus do Norte preferem ter a sumptuosidade no material escolhido para a confecção das vestes, mais que na simbologia nelas tecida.

Os latino-americanos que aparecem ainda optam por modelos próximos do gosto da Europa do Sul. Já os norte-americanos são “muito variados” no que pedem. Compram tecidos de gosto diverso conforme a origem cultural. “Não têm tradição artesanal. Querem sumptuosidade na forma e nos vários componentes, e harmonia das cores”, resume Marcelo de Rittis. E se nos asiáticos não há ainda uma estética definida, os africanos optam pelas vestes “muito excêntricas, que traduzem a festa e o prazer da cor”. Esta “identidade de gosto” é, aliás, uma tendência recente – até há poucos anos predominava a influência europeia. Há uma moda específica para as vestes talares e litúrgicas? O gerente da De Rittis recorda que os mais tradicionalistas ainda frequentam a loja.

São clientes fixos, desde há muito tempo. “Pedem ainda a ‘caixa de violino’, de corte direito, que era frequente usarem antes do Concílio [Vaticano II]. Mas a maioria da clientela escolhe a ‘pianeta’”, o manto de linhas mais modernas.

Valha a verdade que as vestes se simplificaram. É comum, hoje, um padre usar apenas uma camisa de clérigo com o respectivo cabeção (a gola aberta a branco) e um casaco. Tudo — incluindo as calças — de preferência de cor preta, cinzenta ou azul escura. Outros há que se ficam pelo fato, tendencialmente também de cor escura, em que um pequeno crucifixo colocado na lapela é o distintivo da condição clerical.

Em qualquer destes casos, já pouca relação existe com o estabelecido há século e meio, quando o Papa Pio IX tentou colocar alguma ordem nas vestes dos padres seculares (os que não eram monges). Estabelecendo padrões para as sotainas e as batinas, Pio IX queria evitar que os membros do clero vestissem como a burguesia, situação até aí relativamente vulgar. Em 1982, uma norma do Vaticano quis restabelecer o uso obrigatório quotidiano do cabeção para todos os padres — mas muitos

usam-no hoje apenas para ocasiões especiais.

Nas vestes litúrgicas, há ainda um simbolismo para as cores usadas: o branco é próprio do Natal e do Domingo de Páscoa; o vermelho é usado na festa do Pentecostes, no Domingo de Ramos (uma semana antes da Páscoa), em Quinta-Feira Santa e nas festas de memória dos mártires; o roxo é reservado para as missas de defuntos, bem como para os domingos do Advento (antes do Natal) e da Quaresma (que antecede a Páscoa), épocas penitenciais da liturgia da Igreja; e o verde é a cor de todos os restantes momentos.

Apesar das mudanças verificadas nas últimas décadas, Marcelo de Rittis recusa a ideia de uma “tendência artística”. O paramento “faz parte integrante do saber e do património artístico da Igreja”, é apenas mais um elemento do gosto estético. E deve traduzir uma certa moderação, “ser um símbolo que remete para um significado e não um estendal de imagens”, diz o dono da loja.

O estilo do padre actual mudou, observa ainda Marcelo de Rittis — hoje, a vocação decide-se por opção e já não por causa “do poder ou da família”. “Os jovens padres têm atenção na escolha de um paramento e já não compram uma coisa qualquer.” Resultado, também, do facto de, nas universidades pontifícias, se encontrarem padres de todas as zonas do mundo, que acabam por cruzar tendências e características.

Significa isto que as jovens gerações do clero são mais vaidosas — ou menos modestas — que as anteriores? “O jovem não é geralmente vaidoso, os que procuram muito um paramento que lhes agrade é pela vontade de acertar”, diz o senhor Rittis. “Há uma seriedade na escolha, que se traduz no mesmo cuidado que se põe na compra de um cálice e esse cuidado é natural.” Além do mais, remata, “a educação dos padres não pode descuidar o aspecto, os padres não se devem vestir mal...”

Durante séculos, as religiosas dos conventos e dos mosteiros detinham a exclusiva arte de criar vestes

e paramentos litúrgicos. Hoje, esse saber passou para o circuito empresarial. Na De Rittis essa realidade é assumida até ao fim: “Estamos no mercado, não somos missionários”, diz o gerente. “Concorrência há muita, mesmo de pessoas não habilitadas”, acrescenta Vincenzo Serpone.

A concorrência existe e cada um puxa o brilho aos melhores fatos da sua história. A Serpone começou a vender — “vestimos muitos bispos” — em Nápoles, mas desde cedo os clientes estavam também em Malta, nas Américas, nas missões africanas. Angelo Roncalli, quando foi núncio em Istambul e antes de se tornar o Papa João XXIII, encomendou à loja 12 candelabros para a Igreja de Santa Sofia.

Não é o único episódio à volta do Papa Bom. No conclave, conta-se, há três vestes de tamanhos diferentes reservadas para o cardeal eleito, na hora da apresentação ao mundo e aos peregrinos que se reúnem na Praça de São Pedro. O então patriarca de Veneza, relativamente baixo e de formas generosas, tomou uma embaraçosa decisão na escolha da indumentária certa. Demasiado grande ou demasiado justa, o pontífice acabou por recorrer ao mal menor. De maneira que quando apareceu à varanda de São Pedro, o Papa saudou os peregrinos num belo manto, ajustado por meia dúzia de molas de estendal.

Concorrência não é sinónimo de costas voltadas. Há catálogos da Serpone, da Fraternitas (das associações do clero italiano), da Slabbinck. Em Itália, a Semana da Vida Colectiva serve para apresentar ao clero o que existe para o seu serviço ao nível da roupa, da indumentária e das alfaias litúrgicas.

A Religio, uma feira que se realiza anualmente em França, em Fevereiro, desde há oito anos, tem uma qualidade mais “refinada”, como os italianos admitem, mas também permite que as empresas da área se apresentem aos interessados. De tal modo que a Arredamento Litúrgico, por exemplo, já ganhou clientes na Igreja Ortodoxa. Basta que exista a veste, o objecto, o tamanho, a cor ou o desenho desejado pelo freguês. Há para todos os gostos. ●



Fotografia Rui Gaudêncio

O bom gosto do **cónego Duarte**

Foi a necessidade de adquirir paramentos “modernos” para a Sé de Lisboa que levou o cónego Armando Duarte, 55 anos, actual director do Departamento de Bens Culturais do Patriarcado de Lisboa, a tomar contacto com o catálogo da Slabbinck, empresa belga criada em 1907. Por detrás da decisão, uma razão funcional (o grande número de celebrações com o patriarca realizadas fora da Sé, que deteriorava os paramentos do século XVIII) e outra cultural: “Esta geração tem alguma coisa para legar às gerações futuras?”

O facto de a empresa belga trabalhar “com um bom design” e com “materiais dignos” levou à decisão de escolher algumas das suas propostas. “O próprio patriarca tem insistido muito no aspecto da beleza da liturgia e das celebrações.” O facto levou mesmo à abertura de uma loja, nas instalações do patriarcado, dedicada à venda de paramentos e objectos litúrgicos, “que seja uma referência” para os padres e as estruturas da Igreja Católica. Armando Duarte acabou por comprar também dois paramentos da empresa belga — que passou a ser representada em Portugal pela Livraria Claret, do Porto — para a paróquia dos Mártires, no Chiado, da qual é responsável. Quanto depende de si, prefere escolher a qualidade ao mau gosto. O problema é que, muitas vezes, “na nossa, como em outras épocas, são as pessoas que têm gosto em oferecer um cálice ou um paramento”. Onde esses objectos “estão mais acessíveis é em Fátima onde, regra geral, o bom gosto não impera”, diz o padre.

O problema do predominante mau gosto é que “há pouca sensibilização dos artistas para fazer paramentos, alfaias litúrgicas ou arte sacra”. Entre o bom senso da escolha, o apelo estético e o lugar simbólico da liturgia, o essencial, diz Armando Duarte, “é que nas comunidades haja alguma coisa motivadora do encontro com Jesus”. Se houver um acontecimento, “a linguagem para o exprimir é sempre adequada”.

E há um padrão de qualidade nas vestes e objectos litúrgicos que as actuais gerações devam transmitir às futuras? Sim, responde Armando Duarte. “A qualidade dos materiais, a simplicidade do design e a adequação à função. É uma das minhas preocupações: esta geração vai passar muito pouco. Se calhar, nem o que herdou vai deixar nas devidas condições. O que se passa com o património da Baixa-Chiado é exemplo disso.” ●